



O PERIÓDICO COMO INFLUENCIADOR POLÍTICO, DIÁRIO DE PERNAMBUCO E OS SÚDITOS DO EIXO (1932 - 1942)

Davi Bezerra Moraes¹

Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP

davi.2020104808@unicap.br

RESUMO: O centro do Recife está fortemente marcado pelo comércio de rua, característica essa que marca sua fundação e identidade. Ele “apresenta uma supremacia quanto ao comércio varejista e que se firma como grande centro atacadista da região metropolitana” (Andrade, 1979, p.26). Objetivamos neste estudo compreender o comércio de rua do Recife a partir das mulheres trabalhadoras locadas no Projeto Nova Conde da Boa Vista (2020), no bairro da Boa Vista, identificando suas condições de trabalho e organização política. Para isso, traçamos uma ponte histórica com a participação feminina no comércio de rua setecentista e a identidade comercial da cidade, conhecida como “cidade dos Mascates”. Dessa forma foi possível resgatar dentro da cidade dos Mascates uma outra categoria histórica, frequentemente negligenciada pela historiografia oficial, mas que contribui para a construção da identidade comercial do Recife: as Ganhadeiras ou Boceteiras (Almeida, 2002). Para materializar a pesquisa fizemos um recorte espacial da região da Avenida Conde da Boa Vista em sua área mais intensa em relação ao comércio, a região entre o Shopping Boa Vista, Atacado dos Presentes até a esquina da Av. com a Rua do Hospício, uma extensão de 400 metros, como campo empírico. Para construir nossa pesquisa, adotamos o método de pesquisa qualitativo de cunho exploratório, apoiando-nos em uma abordagem materialista histórico-dialética da História Social e também da Sociologia do Trabalho. A pesquisa de campo foi realizada nas ruas de Recife, onde as 5 mulheres pesquisadas exercem suas atividades, utilizando para obtenção dos dados entrevistas semiestruturadas e observação in loco. Para examinar os dados obtidos adotamos o método de análise de conteúdo de Bardin (2004). O estudo permitiu compreender melhor a história do comércio feminino, as dinâmicas e condições do trabalho do comércio de rua feminino de Recife, quem são essas mulheres, o dia a dia delas e também suas relações com os movimentos políticos da categoria tanto no Recife Setecentista quanto atualmente.

¹ Mestrando em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Católica de Pernambuco.

Palavras-chave: Imprensa. Estado Novo. Interventoria. Repressão. Propaganda.

INTRODUÇÃO

O período compreendido entre a Revolução de 1930 e a entrada oficial do Brasil na Segunda Guerra Mundial em 1942 foi marcado pela consolidação de um regime autoritário e nacionalista sob Getúlio Vargas, que culminou no Estado Novo (1937-1945). Em Pernambuco, a administração do interventor Agamenon Magalhães (1937-1945) foi considerada um modelo de interventoria, notadamente pela reificação do papel da imprensa como veículo de doutrinação política. O interventor priorizou setores como a Igreja, a Educação e a Imprensa para a legitimação e doutrinação do regime estadonovista, tendo o Rio de Janeiro como matriz.

A imprensa foi um instrumento político imprescindível para a construção de um ideário estatal, que buscava o consenso social através da persuasão e doutrinação diários, em consonância com modelos ditados por regimes autoritários. A polarização política da época, influenciada por novos paradigmas que condenavam o liberalismo e exaltavam a autoridade, criou um ambiente propício para a fabricação de inimigos, justificados pela retórica da intolerância. Entre os alvos dessa repressão simbólica e física estavam os "súditos do eixo" ²e os grupos considerados subversivos ou antinacionais, como comunistas e integralistas (a "quinta-coluna").

Este artigo se propõe a analisar o papel do periódico como influenciador político em Pernambuco, focando no período de 1932 a 1942, e na forma como a imprensa local, incluindo o Diário de Pernambuco, atuou na veiculação do discurso oficial, na construção de imagens negativas dos inimigos e na legitimação da repressão policial sobre os "súditos do eixo".

1. A IMPRENSA COMO APARELHO DE PROPAGANDA E DOCTRINAÇÃO

A administração de Agamenon Magalhães compreendeu o poder da imprensa como um motor da opinião pública, capaz de "esclarecer e modificar o seu julgamento sobre determinado facto, com a velocidade da luz". O sucesso da propaganda nazista na Alemanha, baseada na repetição uniforme e persistente, serviu de modelo.

Neste sentido, H. Arendt observa que nos regimes totalitários a propaganda é imprescindível para a conquista das massas (9) É nesta linha que, para Goebbels, cognominado pela Folha da Manhã o "mestre da propaganda", o jornal era um verdadeiro "agitador de rua". (10)³

² Termo utilizado para se referir a descendentes de alemães, italianos ou japoneses.

³ ALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde de. A Construção da Verdade Autoritária: Palavras e Imagens da Interventoria Agamenon Magalhães em Pernambuco. (1937 - 1945). Tese

Em Pernambuco, a Folha da Manhã, lançada em novembro de 1937 e de propriedade do interventor, foi o porta-voz do regime, com o objetivo claro de doutrinar a população nos "princípios da democracia autoritária". O periódico chegou a ter duas edições diárias, sendo a vespertina voltada para a classe proletária, buscando doutrinar todas as classes sociais através de publicidade máxima.

O Estado, até então acéfalo e sem rumo, tinha o seu timoneiro, o salvador, na expressão da imprensa: o homem-enigma, Getúlio Vargas; e, em Pernambuco, seu representante: Agamenon Magalhães. A autoridade pessoal representava um cânone do paradigma nazi-fasci muito caro ao Estado Novo, uma vez que justificava a concentração de poder e a exclusão da sociedade no palco das decisões políticas⁴.

Essa propaganda oficial era complementada pela imprensa católica, como A Gazeta e A Tribuna, que utilizavam a doutrinação para instigar a sociedade contra o laicismo, o liberalismo e o comunismo, frequentemente associados ao judaísmo. A imprensa religiosa, que via na Ação Católica um instrumento de "cruzada" contra o laicismo, reforçava a ideia de que a salvação do Brasil estava na volta à tradição católica, e que fugir de Roma seria ser "devorado por Moscou".

Dever-se-ia admitir que a salvação do Brasil estava contida na volta à tradição: "não tenhamos vergonha de ser acoimados de reacionários"/114) Este discurso colaborava para a construção de um imaginário coletivo, em que o comunista se identificava com o demônio, símbolo do mal.⁵

A colaboração da imprensa com o aparato de segurança era constante. A polícia possuía uma seção de recortes de material jornalístico para enriquecer seus relatórios e dossiês. Em troca, a imprensa dava cobertura generosa às reformas da Secretaria de Segurança Pública e à eficácia da repressão. A divulgação de estatísticas policiais, como as da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS), buscava surpreender a população com a evidência de altos índices de eficácia e rapidez da nova administração, assegurando que a "comunidade pernambucana pode dormir tranquila".

de Doutorado.

⁴ ALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde de. A Construção da Verdade Autoritária: Palavras e Imagens da Interventoria Agamenon Magalhães em Pernambuco. (1937 - 1945). Tese de Doutorado.

⁵ ALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde de. A Construção da Verdade Autoritária: Palavras e Imagens da Interventoria Agamenon Magalhães em Pernambuco. (1937 - 1945). Tese de Doutorado.

2. O PERIGO ALEMÃO E OS SÚDITOS DO EIXO (1938-1942)

O regime estadonovista necessitava de um "outro conveniente" para justificar a repressão e a centralização do poder. Na conjuntura da ascensão do Eixo na Europa, os alemães e os integralistas tornaram-se os alvos preferenciais.

E quem estava autorizado a estabelecer esses lugares era quem possuía o controle da informação e dos meios de comunicação, que, no caso das ditaduras, era o próprio Estado. Sendo assim, a emergência de um inimigo comum, ou o “outro conveniente”, aparece no governo estado-novista como elemento “mobilizador permanente das forças do Estado e das ações de convencimento das massas de um complô antinacional (...) e antipopular”.⁶

Com o início da Segunda Guerra Mundial, o Nordeste brasileiro, devido à sua posição estratégica no Atlântico Sul, tornou-se uma área de intensa atividade nazista. A propaganda nazista, já amplamente difundida no Brasil por meio de filiais do Partido Nazista e instituições teutas, foi vista como uma ameaça à soberania brasileira.

Qualquer “louro” quer for visto nas praias ou próximo delas é suspeito até prova em contrário. Deve ser levado às autoridades mais próximas para a sua identificação. Não há nada, mas pode haver. Em guerra o perigo está em toda parte. Vigilância, pois, é a atitude que o momento aconselha⁷.

A repressão policial contra a comunidade alemã, que visava coibir propaganda e espionagem, já vinha ocorrendo antes mesmo do estado de beligerância.

Somente na DOPS-PE, por exemplo, já haviam sido fichados 772 indivíduos da origem alemã. Simples informações como nome, filiação, nacionalidade, naturalidade, profissão, endereço residencial e profissional, estado civil, nome do cônjuge e de filhos, a data que esteve no Brasil pela primeira vez, o porto de desembarque e o nome do navio em que viajara, dados sobre a emissão do passaporte e de viagens ao exterior ou interior do País, passaram a formular os indícios diretos de que na condição de estrangeiros existia um potencial “perigo alemão” a ser investigado e combatido em todos os seus ângulos.⁸

⁶ LEITE, Juliana Ferreira Campos. Entre a suástica e o sigma: o nazismo e o integralismo em Pernambuco (1938-1945). Dissertação de Mestrado. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2017

⁷ MAGALHÃES, Agamenon. Folha da Manhã, 1943, in, Lewis Susan 2005.

⁸ LACERDA, Maria Lana Monteiro de. E IMPRESSOS E IMAGENS: FRAGMENTOS DO COTIDIANO DA REPRESSÃO POLICIAL EM PERNAMBUCO. In: XXVII Simpósio Nacional de História, Natal, 2013.

A retratação negativa dos alemães na imprensa pernambucana teve profundas consequências para a comunidade alemã local. A estigmatização sistemática levou ao isolamento social dos alemães e teuto-brasileiros, que passaram a ser vistos com suspeição pela população brasileira. Muitos alemães foram obrigados a abandonar suas atividades profissionais e comerciais devido à hostilidade social criada pela campanha jornalística.

No Recife, em agosto de 1942, multidões saíam às ruas depredando estabelecimentos comerciais de alemães, japoneses e italianos como reação aos afundamentos de cinco navios brasileiros no dia 15 daquele mês. O incidente ficou conhecido como o quebra-quebra: “na Sorveteria Gamba, na Praça Joaquim Nabuco, submeramos depois, lançaram-se gás sulfídrico e depredaram-se suas instalações, o que a obrigou a permanecer fechada por um longo período”, afirma Rostand Paraíso⁹.

A documentação oficial do período registra numerosos casos de denúncias contra alemães baseadas apenas na suspeição gerada pela propaganda jornalística. A imprensa contribuiu para criar um ambiente de delação e desconfiança que facilitou a ação repressiva das autoridades policiais. Essa situação levou muitos alemães a buscar a proteção das autoridades locais ou a abandonar o estado em busca de segurança.

Passando a falar sobre outro aspecto da vigilância policial em Pernambuco, o dr. Etelvino Lins disse que dos 230 alemães (homens) residentes no Recife e em Paulista oitenta estão recolhidos ao Presídio Especial, com regime de trabalho para aqueles com responsabilidade já apurada, de acordo com as diligências policiais divulgadas pela imprensa há meses atrás. Vários alemães tem sido encaminhados para o interior e os demais permanecem no trabalho; vigiados.¹⁰

3. INTEGRALISMO E TRAIÇÃO (1932-1942)

A Ação Integralista Brasileira (AIB), embora alegando ser um movimento nacionalista e cristão, tinha profundas semelhanças ideológicas com o fascismo europeu, o que gerou especulação sobre sua colaboração com o nazismo. O movimento integralista foi visto como uma opção política para teuto-brasileiros que não podiam entrar no Partido Nazista. Após o Putsch Integralista em 1938, os integralistas foram categorizados como inimigos da nação, sendo acusados de agir como uma "quinta-coluna" a favor do Eixo.

Contudo, após o triunfo do golpe, não houve o cumprimento das promessas realizadas aos integralistas, o que gerou uma reação de hostilidade de uma parcela dos membros da AIB, resultando no ataque armado de 1938¹¹⁸. A derrota do levante e a rápida ação dos militares em desarticular a intentona acabou gerando um efeito de verdade, tanto

⁹ Paraíso, in, Lewis 2010.

¹⁰ Trecho de matéria retirada do “Pequeno Jornal, Edição 00219A, Ano 1942”. Fala registrada a partir de uma entrevista realizada com o Secretário de Segurança de Pernambuco Etelvino Lins.

em relação à imagem de “salvador da pátria” associada ao presidente, como na criação dos integralistas enquanto inimigos da nação, associados, estes, à ideologia de extrema direita europeia.¹¹

Jornais como o Diário de Pernambuco e Jornal Pequeno, mesmo antes da entrada do Brasil na guerra, noticiaram a AIB e a ascensão dos fascismos europeus. O Jornal Pequeno, em 1940, reforçava a ideia de que o integralista era fatalmente um adepto do Eixo e um inimigo da democracia e do Brasil. Após a declaração de guerra, o Diário de Pernambuco passou a adotar uma posição definida ao lado dos Aliados, diferentemente de outros jornais locais que eram mais neutros ou pró-Eixo. O Diário de Pernambuco publicou matérias sobre a relação entre Nazismo e Integralismo, citando documentação apreendida que "comprovava" a ação conjunta e chamando os integralistas de "ferrenhos quinta-colunistas" e "traidores da pátria".

O integralista é fatalmente um adepto do eixo, os integralistas são inimigos da democracia e por conseguinte, inimigos da América e do Brasil. Representam, além do mais, perigosa reserva de que os agressores do mundo podem lançar mão, dentro de nossas fronteiras. O integralismo é igual ao totalitarismo. O totalitarismo é igual ao eixo.¹²

4. A REPRODUÇÃO DA INFÂMIA ANTISSEMITA

O discurso antissemita, largamente explorado pela imprensa alinhada ao regime, foi central para a construção do inimigo. Jornais como a Folha da Manhã (e a imprensa católica) reproduziam o mito do "complô judaico", afirmando que os judeus eram matadores de Cristo e seriam responsáveis por todas as mazelas políticas e econômicas, desde a Revolução Francesa até a crise do café. O jornalista José Campello, presidente da Associação de Imprensa de Pernambuco, usava linguagem virulenta em suas crônicas, equiparando os judeus a "aves de rapina" e "aluvião de parasitas", e associando-os aos comunistas, que lançariam a desordem para o domínio israelense. O imigrante judeu era apresentado como o "indesejável", traficante e explorador, em contraste com o ideal do novo homem brasileiro: patriótico, honesto e católico.

5. REPRESSÃO E LEGITIMAÇÃO (1938-1942)

¹¹ LACERDA, Maria Lana Monteiro de. E IMPRESSOS E IMAGENS: FRAGMENTOS DO COTIDIANO DA REPRESSÃO POLICIAL EM PERNAMBUCO. In: XXVII Simpósio Nacional de História, Natal, 2013.

¹² LEITE, Juliana Ferreira Campos. Entre a suástica e o sigma: o nazismo e o integralismo em Pernambuco (1938-1945). Dissertação de Mestrado. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2017.

A repressão policial contra os inimigos políticos foi intensa e sistemática. O aparato de segurança, reestruturado sob a interventoria, enfatizava a vigilância e a suspeição como práticas centrais. A polícia atuava não apenas com detenções e buscas, mas também na coleta de informações e produção de dossiês contra os suspeitos. A repressão às atividades nazistas em Pernambuco teve início em 1938, e o controle de estrangeiros foi ampliado com a campanha de nacionalização.

Continuando as suas declarações, o dr. Etelvino Lins disse que, além dessas medidas, como foi dito, outras têm sido tomadas. É digno de menção, por exemplo, o fato de que, apesar de registrados no Serviço de Estrangeiros e de prontuários na Delegacia de Ordem Política e Social, todos os súditos do eixo estão sendo chamados à polícia, onde preenchem determinada fórmula, com dados especiais que facilitam a vigilância exercida pelas autoridades, comparecendo, além disso, um por um, à sua presença e sendo interrogados.¹³

Todos os 230 alemães e todos os 205 italianos, residentes no Recife e municípios vizinhos da capital, já foram, assim, ouvidos pelo próprio secretário da Segurança de Pernambuco. Salientou, por último, o secretário de Segurança o espírito de colaboração entre as autoridades civis e militares, todas empenhadas na defesa dos altos interesses nacionais.

Com o avanço da guerra, o Recife se tornou rota de espionagem alemã, e a Abwehr organizou células de informação no Nordeste, buscando dados sobre rotas marítimas e bases aliadas. Os integralistas figuravam como colaboradores em potencial para essas redes. Karl Heinz Von Den Steinen, filho do ex-cônsul x, por exemplo, foi apontado como um dos principais agentes, com habilidade em recrutar ex-membros da AIB.

Dentre os agentes atuantes no estado, Karl Heinz Von Den Steinen foi, de acordo com a documentação analisada, um dos principais nomes da espionagem nazista em Pernambuco, como também em outros estados do Nordeste. Bastante atuante em ações a favor da Alemanha, foi citado em diversos depoimentos e processos sobre as atividades nazistas no país.¹⁴

A aliança do Brasil com os Aliados em 1942 intensificou a contraespionagem (FBI e BSC) em colaboração com a DOPS-PE. A repressão não se limitou aos estrangeiros, mas se estendeu aos brasileiros suspeitos (quinta-coluna), sendo muitos ex-membros da AIB acusados de espionagem e sabotagem.

¹³ Ano 1943\Edição 00083 (1) “Pequeno Jornal”, entrevista realizada com Etelvino Lins, secretário de Segurança de Pernambuco, realocado por Agamenon Magalhães para o cargo.

¹⁴ LEITE, Juliana Ferreira Campos. Entre a suástica e o sigma: o nazismo e o integralismo em Pernambuco (1938-1945). Dissertação de Mestrado. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2017.

O jornalismo desempenhou um papel crucial ao divulgar as ações policiais, como o desbaratamento de redes de espionagem, transformando a DOPS em "braço repressor" e dando um "efeito de verdade" às informações. A imprensa vangloriava-se da competência da polícia e promovia o medo na população, o que incentivava denúncias e hostilidades contra os "súditos do eixo" e seus simpatizantes. As notícias sobre expulsão de estrangeiros eram veiculadas com alarde, reforçando o estereótipo do judeu como falsário, subversivo e traficante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O período de 1932 a 1942 em Pernambuco, abarcando o auge do Estado Novo e o prelúdio da guerra, demonstrou o uso estratégico e eficaz da imprensa como um poderoso influenciador político, fundamental para a consolidação e legitimação do regime de Agamenon Magalhães. A imprensa, especialmente a Folha da Manhã, atuou como um aparelho de doutrinação, alinhando a opinião pública aos ideais nacionalistas e autoritários e utilizando o modelo dos regimes fascistas europeus.

O jornalismo, por meio de táticas de repetição e simplificação da mensagem, e em colaboração com a polícia política, não apenas informou, mas ativamente construiu o imaginário do "perigo alemão" e da "quinta-coluna". A figura do inimigo (seja o integralista, seja o "súdito do Eixo") foi estereotipada e demonizada, sendo associada à desordem, ao comunismo e ao complô judaico internacional. O *Diário de Pernambuco*, um dos mais antigos do país, refletiu essa dinâmica, alinhando-se aos Aliados e participando da campanha contra os traidores da pátria, mesmo que tal discurso fosse arbitrário e generalizante.

A repressão policial em Pernambuco, documentada nos arquivos da DOPS, foi amplamente divulgada pela imprensa para endossar a imagem de um Estado forte, vigilante e protetor. Em última análise, a imprensa de Pernambuco no período em questão não apenas refletiu, mas ativamente participou da "reprodução da infâmia", transformando a retórica política em realidade social e justificando o cerceamento das liberdades individuais em nome da ordem e da segurança nacional.

Pernambuco mostra como a imprensa regional pode ser mobilizada de forma a servir aos interesses do poder central e adaptar estratégias discursivas às especificidades locais. As atividades de Agamenon Magalhães como interventor mostram a importância atribuída pelo Estado Novo ao controle da mídia como uma ferramenta de dominação política e social. A Folha da Manhã exemplifica como o regime criou veículos específicos para disseminar sua ideologia e combater grupos considerados indesejáveis.

Por fim, este estudo ressalta a necessidade de uma análise crítica do papel da imprensa em contextos autoritários, demonstrando como os meios de comunicação podem tanto servir à democracia quanto à tirania, dependendo das circunstâncias políticas e dos interesses em jogo. A experiência pernambucana durante o Estado Novo constitui um exemplo emblemático dos perigos representados pela subordinação da imprensa aos interesses do poder político, oferecendo lições importantes para a preservação da liberdade de imprensa no Brasil contemporâneo.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. Estado de Exceção. São Paulo: Boitempo, 2004.
- ALMEIDA, Lacerda de. A Igreja e o Estado. Rio de Janeiro: Typografia Revista dos Tribunaes, 1924.
- ALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde de. A Construção da Verdade Autoritária: Palavras e Imagens da Interventoria Agamenon Magalhães em Pernambuco. (1937 - 1945). Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo,
- BARROSO, Gustavo. A Sinagoga Paulista. Rio de Janeiro: ABC, s/d.
- CANCELLI, E. O Mundo da Violência – A polícia da era Vargas. 2ª Edição. Brasília: Ed. UNB, 1994.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. O Anti-Semitismo na Era Vargas: fantasmas de uma geração: 1930-1945. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- DUBOIS, Philippe. O Ato Fotográfico e Outros Ensaios. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Ed. Papirus/UNICAMP, 1993.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. 29ª edição, Petrópolis: Ed. Vozes, 1987.
- LEITE, Juliana Ferreira Campos. Entre a suástica e o sigma: o nazismo e o integralismo em Pernambuco (1938-1945). Dissertação de Mestrado. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2017
- LACERDA, Maria Lana Monteiro de. E IMPRESSOS E IMAGENS: FRAGMENTOS DO COTIDIANO DA REPRESSÃO POLICIAL EM PERNAMBUCO. In: XXVII Simpósio Nacional de História, Natal, 2013.
- MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina (orgs.). História da imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2008.